

“HOJE TEM VIU?!”: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A SOCIALIZAÇÃO A PARTIR DO ENCONTRO PRODUZIDO PELO RITMO DO FORRÓ ROMÂNTICO¹

Mylena Serafim da Silva - UFPB

RESUMO

Socialização e cultura são duas categorias fundamentais para a compreensão antropológica da sociedade. Assim, chamamos aqui esses dois conceitos para nortear a observação participante em contextos que envolvem a reunião de pessoas que escutam e/ou dançam forró romântico, tendo como campo a cidade de João Pessoa-PB e indagando de que forma esse estilo musical produz um encontro. O forró romântico, também conhecido enquanto forró das comunidades e/ou forró de favela é um ritmo dançante muito escutado na região do Nordeste, contudo se diferenciando de outros tipos de forró como o eletrônico e pé de serra. Dito isto, o público também se distingue, e podemos notar sua aproximação com ritmos como brega, por exemplo. Os encontros aqui em destaque são os shows que ocorrem em casas de festas, e que desde o início de 2022 propõe semanalmente eventos que participam pessoas de toda a cidade. A reflexão aqui proposta é perceber como que esse ritmo musical movimenta e mobiliza um grupo para além de uma diversão, mas promovendo encontros e fortalecendo uma cultura que existe e perpassa gerações, chegando a operar em um campo social, aqui com recorte para a cidade, e construindo uma identidade cultural dentro desse espaço, sendo um movimento que existe e persiste mesmo sob um contexto tido como a margem. Enquanto metodologia, faço uso da autoetnografia na medida em que ocupo esses espaços há pelo menos 15 anos, sendo um estilo musical que faz parte da minha realidade, do qual gosto. A teoria bourdieusiana nos auxilia a pensarmos de como esse grupo existe e de que modo o habitus dos agentes contribui para a permanência desses vínculos, sendo o gosto enquanto um distintivo dentro da sociedade. Nesse sentido, é válido ainda ressaltar o quanto que não somente os espaços que propõem a diversão a partir do forró romântico, mas também as pessoas que gostam do mesmo são estigmatizadas, sendo muitas vezes agentes classificados sob um entendimento de “cultura inferior” ou mesmo “sem cultura”.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Reconhecendo então que o forró romântico é uma cultura e que culturas não podem ser classificáveis em termos de níveis, fazemos a defesa aqui de um grupo que existe, se identifica e que, a partir do lazer, são proponentes de encontros que viabilizam um movimento dentro do campo social. A proposta é descrever, a partir de um relato de experiência em um show de forró romântico no ano de 2022 na cidade de João Pessoa-PB, como esses encontros produzem afetação e vínculos na cidade.

Palavras-chave: Cidade. Forró de Favela. Socialização.

INTRODUÇÃO

É desafiador, por mais que comum, a competência de relatar cientificamente no campo das ciências humanas. Aqui você está lendo uma escrita produzida por uma pessoa que está há quase dez anos em uma universidade federal, tendo a formação inicial em serviço social seguida de uma pós-graduação na sociologia, mas que dentro de uma segunda formação (licenciatura em ciências sociais) vem se encontrando continuamente com o método da etnografia.

Este termo me era estranho até a minha preparação para ingressar no mestrado, quando o encontrei em meio a pesquisa sobre “como perceber a partir de quem vive”. Era e é algo que me inquieta pesquisar de algo e/ou sobre alguém e não considerar a sua própria interpretação do fato. E sinto que isso é um desafio ainda maior no campo do trabalho, objeto pelo qual escolhi percorrer no campo acadêmico e que diz muito sobre mim. Inclusive o motivo pelo qual tanto me inquieta perceber a partir de quem vive.

Mas para descrever sobre como foi esse processo, essa escrita ultrapassaria os limites inclusive da proposta que é uma paralela ao que pesquiso na academia. Quero aproveitar esse espaço que me foi dado para descrever sobre algo que eu mesma vivencio. E obviamente, isso não seria possível se não tivesse todo esses anos de acesso ao conhecimento científico. Gostaria inicialmente de reconhecer que, algumas escolhas ao longo das minhas vivências fizeram com que eu formulasse uma perspectiva crítica diante dos fatos. Mas a minha formação primária permanece em mim, mesmo que sob diversos processos.

Assim, gostaria de fazer destaque a teoria do sociólogo, diga-se de passagem, também antropólogo, Pierre Bourdieu (1930-2002), a qual reconhece a relação dialética entre objetividade e subjetividade, considerando aqui sobretudo os conceitos de gosto, *habitus* e trajetórias sociais. Bourdieu (1976) traz a defesa de como o estilo de vida de um

grupo pode ser analisado a partir desses três conceitos. Estar em uma realidade que detém consigo práticas e dinâmicas que acabam virando “a regra”, ou seja, é (re)produzida de forma cultural, é conduzida por uma lógica que perpassa o funcionamento da sociedade, através de práticas que formulam uma classificação (*habitus*), da interpretação não linear de uma história de vida (trajetória social) e de uma série de escolhas e preferências que conduz um estilo de vida (gosto) (BOURDIEU, 1996; 2007).

Junto a teoria bourdieusiana, somamos o método da autoetnografia que, a partir do desenho etnográfico se diferencia por ter, de fato, o olhar de quem pesquisa, a partir da reflexão e da interpretação do vivido (SANTOS, 2017). Assim como todo método científico, a autoetnografia possui suas particularidades e dificuldades, contudo, a pessoa que escreve possui esse desafio de observação, por mais que seja da sua própria vivência o objeto de estudo que trata. Nesse sentido, essa escrita objetiva não somente descrever uma realidade vivida, mas a partir dessa experiência demonstrar sua importância na sociedade.

E aqui, com recorte para sua inferência na cidade, a proposta é demonstrar como os encontros produzidos a partir do ritmo do forró romântico influenciam no campo social e fortalece a identidade social de um grupo. As problemáticas se dão a partir do estigma e marginalização que persegue esse grupo e a defesa é feita na medida em que o mesmo não somente existe, mas persiste na sua permanência, criando uma identidade social que deve ser considerada quando tratamos da sua potência para a criação vínculos e de afetação dentro da cidade.

O próximo tópico objetiva narrar um encontro em específico, o qual vivenciei mesmo que sob a intenção prévia de relatá-lo.² Contudo, é válido antes descrever, mesmo que resumidamente, algumas características desse objeto para você, leitor(a). A cidade de João Pessoa é capital da Paraíba, um estado nordestino e que, dentre os ritmos musicais que constroem os pontos de encontros, como as festas e os eventos, por exemplo, o forró é essencial. Contudo, ainda dentro do ritmo musical forró temos algumas variedades e dentre elas está o forró romântico.

Este se caracteriza por ser mais lento, sendo geralmente composições que rememoram músicas românticas internacionais, ou mesmo são regravações de pagodes e

² Aqui reconheço que ir a um evento para etnografá-lo posteriormente já muda a configuração de como eu o estou vivenciando. Certamente o gosto por essa vivência não irá mudar, mas a forma como eu estou aproveitando-o já é modificada pela responsabilidade de observá-lo sob uma perspectiva crítica para posterior descrição.

sertanejos, mudando justamente o ritmo. Dito isto e a partir da minha vivência afirmo: não é toda pessoa que se reconhece enquanto forrozeira que gosta do forró romântico. Na cidade os encontros por esse ritmo são promovidos na zona periférica e na zona norte da cidade, porém desconheço algum tipo de encontro realizado na zona litorânea ou nos demais bairros tidos enquanto nobres dentro da cidade. Diferente do que acontece com o forró eletrônico e o piseiro (ritmo atual que se encaixa também dentro do forró e está em ascensão no momento), por exemplo.

As nomenclaturas forró de favela e forró das comunidades ganharam aderência nas redes sociais e nas plataformas de músicas onde há páginas e canais que divulgam esse estilo musical. Aqui irei relatar um encontro em uma casa de eventos, mas gostaria de destacar que, esses encontros acontecem também nas moradias. Enquanto apreciadora desse ritmo já participei de alguns encontros mobilizados pelo forró romântico, bem como já organizei alguns onde resido.

Algumas características como o uso do álcool (geralmente a divisão de cerveja entre o grupo), o churrasco (cada participante ou cada casal leva um quilo de carne) e a presença de crianças também é comum. O som é relativamente alto. Quando não há um som de paredão (também conhecido por som automotivo, é um tipo de som montado e arquitetado dentro da mala do carro, que possui fones e cornetas com *watts* elevados), são utilizadas caixas de som que também tem um volume considerável. Compreendo que esses encontros são mais comuns, principalmente entre os casais por terem crianças e também pelo custo menor que é o de ir a um evento.

Dito isto é válido frisar a importância desse grupo, que movimenta diretamente a economia, a produção cultural e artística, bem como produz uma identidade e uma afetação a partir dos vínculos criados e configurados nesses encontros. Fica claro que aqui eu inconscientemente tentei fugir do campo do trabalho ao abordar a temática do (meu) lazer. Mas, como Magnani (1996) bem pontuou, lazer e trabalho não são adversários, pelo contrário devem andar juntos e, ao fazer aqui essa defesa, quero destacar o quanto que “essas curtições” são necessárias para a socialização.

UM SÁBADO À NOITE...

Não fosse a minha pretensão prévia de sair neste dia para a posterior escrita de um relato autoetnográfico, certamente essa descrição seria um pouco diferente. Acho que teria até bebido um pouco mais inclusive. A luz dos escritos de Santos (2017) podemos trazer como perspectiva desse método a ideia de *insider* dentro do campo de pesquisa, do

qual participo ativamente, contudo, ao fazer sua análise devo me conter em alguns comportamentos, como por exemplo o uso do álcool. Mas isso não empatou que eu também me divertisse nesse sábado à noite, já que estava super animada e simplesmente “coloquei a minha melhor roupa, pus na cara o meu melhor sorriso e fui...”³ Vale ressaltar que foi a minha primeira experiência de ir a um show sozinha. E acredite, foi maravilhoso!

A motivação para ir a um show de uma banda que você acompanha e conhece todas as músicas acontece geralmente bem antes, quando a música “tá estourada” e você só imagina “ah se tivesse um show dela aqui eu iria na hora”. E a empolgação aumenta dias antes quando se é anunciado, nas redes sociais da banda que certamente você segue e também das casas de festas e eventos que promovem esses encontros semanalmente.

E então a semana que antecede o evento é só escutando as músicas intensamente e claro, o dilema da roupa que ir e com quem ir. Não foi o meu caso essa noite, mas costumeiramente temos pelo menos uma amiga que curte também as mesmas músicas, ou além disso acabou um relacionamento recentemente, ou até está brigada com o parceiro, mas que no fim das contas a ideia de encontro da semana é ir a esse show. As vezes tem também o famoso "contatinho". Você nem imagina nada naquele dia, mas de repente ele te busca e quando menos espera já estão lá juntinhos.

A roupa não é apenas um detalhe. Para nós mulheres então, chega a ser um conjunto, já que a roupa tem que combinar com sandália, acessórios, bolsa, etc. Como de praxe, fiquei na dúvida entre um vestido curto e coladinho ou um cropped com um short cintura alta. Salto alto raramente é bem-vindo já que tem umas rasteirinhas bem “transadas”. Ah e o preto não é somente o básico. É essencial. Apesar de que, de vez em quando colocamos uma corzinha também.

Mas meu “sabadou”, diga-se de passagem, sob muita chuva, começou mais ou menos após o almoço, momento em que tive de escolher e organizar algumas coisas para assim poder estar disponível a noite para ir à festa. Decidi pelo meu cropped preto manga longa com um short jeans preto também cintura alta, os quais nunca me decepcionam, e uma rasteira de plástico (pra suportar a chuva) preta também.

Roupas coladas e curtas são a combinação perfeita desses encontros. Digamos que, de uma estimativa bem superficial, entre 100 mulheres, 3 a 5 estão com uma roupa mais comprida, como uma calça jeans (e ainda assim também colada). O convencional são roupas que “desenham” o corpo e, ao meu ver, mais confortáveis fazendo jus a um

³ Trecho da música tocada inclusive neste sábado interpretada pela cantora cearense de forró romântico Geys Sampaio.

encontro dançante. Aqui podemos pensar a discussão do estilo de vida e gosto que Bourdieu (1976; 2007) faz conectando a discussão sobre distinção, julgamento e classe, e a partir dela como que esse grupo é percebido por quem está do “lado de fora” e possui uma outra concepção sobre vestimenta, e que inclusive se opõe a esse estilo que muitas vezes é julgado enquanto “atraente” e até mesmo “vulgar”.

Quanto ao cabelo, este nos tranquiliza muito quando passamos uma prancha, nem que seja por cima. Como fazemos selagem periodicamente, então é algo que não demora tanto para "assentar" o cabelo para um lado, deixando a franja caída somando aquela maquiagem na qual o contorno preto nos olhos e o batom escuro são imprescindíveis. Na bolsa levamos sempre um pó e o batom, caso precise de retoque. Mas isso só acontece na primeira ida ao banheiro, depois de algumas bebidas e algumas trocas de olhares que resultam em uma ou outra dança, retoques já não mais importam.

E aqui adentramos um pouco na ideia do encontro, seja ele com uma pessoa que você já viu alguma vez, ou que “bateu a química” de primeira. Se negarmos que a intenção, ao menos primária, para um convite de dança termine em algo a mais entre duas pessoas estaremos negando a nós mesmos. A troca de olhares inicial é dada por duas pessoas que de alguma forma se conectam atrativamente. Decerto, algumas vezes não passam da primeira música, seja por uma falta de conversa, ou uma dança, um contato corporal não muito agradável.

Mas quando há conexão o que era pra ser inicialmente uma dança a dois, acaba se tornando algo a mais, uma conversa que se estende por horas, a apresentação as outras pessoas que estão na roda e quem sabe futuramente ao próximos formando assim, um casal, agora não apenas na dança, mas no dia-a-dia. E, ao pensarmos nessas infinitas possibilidades que se desdobram a partir do encontro produzido pelo ritmo do forró romântico podemos rememorar os escritos de Certeau (1990) que fundamenta a lógica de como a produção de consumo não somente movimenta, mas também produz e elabora o espaço no cotidiano.

Agora retomemos a ideia do forró romântico. Não que ela tenha sido deixada de lado, afinal, temos um encontro promovido pelo mesmo. Temos um sábado, meados de julho (o que significa que “ninguém tem dinheiro pra nada”), e um espaço que a partir dos escritos de Magnani (1996) pode ser considerado como mancha, já que neste bairro temos pelos menos quatro casas de show que promovem esses encontros, além dos bares e lanchonetes que também tem música ao vivo com os cantores locais.

Fazendo o recorte ainda para a avenida principal do bairro, temos duas casas de shows, praticamente uma de frente a outra. De um lado teríamos a Banda Flor da Paixão e do outro a Banda Amor Secreto, ambas do estado do Ceará. Sempre antecedidas de um DJ, que já trabalha de forma fixa na casa e toca além do forró de favela, brega romântico, eletrônica e principalmente brega funk.

É importante então ressaltar a relação direta que há entre o forró de favela e o ritmo brega funk. Em minha vivência percebo que pessoas que priorizam o forró pé de serra ou até eletrônico ao forró de favela, possuem aversão ao ritmo brega funk, o qual vai além das críticas, mas de realmente não frequentar esses espaços devido a esse estilo musical. Já quem aprecia o forró de favela gosta do ritmo brega funk. E isso eu percebo não somente na minha playlist, mas escutando o som da minha vizinhança e claro, nas saídas da vida, seja para show ou mesmo num encontro em casa com os próximos, e até nos encontros de paredes⁴.

E aqui mais uma vez podemos rememorar a teoria bourdieusiana para tratar as distinções a partir da lógica do gosto. A produção da cultura, predominante no Nordeste, a partir do forró e do brega, que se desdobram nos ritmos contemporâneos forró romântico e brega funk, aqui em menção, caracteriza não somente um grupo, mas também o particulariza dos outros, de modo a ser visto sob a ótica da segregação e do estigma. Muitas das vezes é associado a violência e a imoralidade, mas isso deve ser problematizado na medida em que não há uma relação direta e funcional dessas características apenas para esse tipo de gosto, além de que é uma cultura advinda da classe mais desfavorecida quando tratamos e observamos as culturas a partir da lógica da desigualdade social.

Mas voltando mais uma vez para a descrição do sábado à noite, eu tinha uma escolha muito difícil a fazer: ir ao show da Banda Flor da Paixão ou Banda Amor Secreto. Gosto de ambas, mas me entristece saber que a cantora Michelly Rodrigues saiu da banda para ser cantora gospel e agora quem a substituiu foi Rallyne que era da Banda Rainhas da Farra. Não que ela também não cante bastante, mas a antiga combinação eu achava bem melhor. Então decidi ir ao show da Banda Amor Secreto, até porque iria ter a participação de Geys Sampaio, uma outra cantora cearense que lançou uma música em

⁴ Como dito introdutoriamente, há os “sons de paredão”, os quais geralmente reproduzem ritmos como forró romântico e brega funk. Os donos desses sons automotivos são organizados coletivamente, possuem como pauta principal a legalização do som automotivo e ainda promovem eventos intitulados “encontro de paredes”, os quais geralmente ocorrem em cidades interioranas com o objetivo de evitar possíveis denúncias.

conjunto com a banda este ano e que já bate mais de 500 mil visualizações na plataforma youtube.

Cheguei por volta das 23h estava tocando o DJ Sidartha. Pedi uma cerveja (o que não é de costume já que se tratando de bebida alcóolica minha preferência é cachaça) e dei uma volta. O que me espantou nesse dia foi a quantidade de homens, talvez porque o show era pago por todo o público. Geralmente em alguns dias a logística é de “mulher free” até uma determinada hora, ou mesmo a noite toda. Contudo quando são bandas que vêm de outros locais, como nesse dia o ingresso fica na faixa de \$30 (trinta reais) pra todo o público.

Decidi parar em um local de minha preferência desde sempre: do lado da caixa de som e na lateral do palco. Como era o lado que os cantores entraram, praticamente fiquei do lado deles, um local muito desejado pelo menos por parte do público que vai realmente aproveitar a banda querida. Entre as idas e voltas ao banheiro e pra pegar uma cerveja voltava para o mesmo espaço. A todo tempo muito tranquilo, exceto uma briga no meio do show quando a banda já tinha entrado. A música teve que parar e foi um pouco difícil para três seguranças conterem um homem que tinha criado uma confusão com um grupo, salvo engano, já que escutei posteriormente os comentários, por ter passado, empurrado e encostado em uma mulher, supostamente acompanhada.

Confesso que inicialmente fiquei assustada por ver três seguranças com dificuldades para conter um homem, mas nada que eu já não tivesse passado semelhante. Não há como negar que brigas nesses eventos ocorrem. Contudo, não podemos relacionar brigas ao tipo de música (o que acontece muito a partir dos julgamentos, quando tratamos do ritmo brega funk, por exemplo), mas sim ao uso abusivo de álcool e outras drogas, o que ocorre em festas e eventos de um modo geral.

Entretanto, por mais que seja importante abordar, a intenção dessa escrita não é problematizar o uso de álcool e outras drogas e sim de reconhecer o mesmo como fator de algumas situações que ocorrem dentro desses encontros, dentre as quais podemos citar também a sua influência para a paquera. Há algumas pessoas que “já vai de casal”, mas há outras que já vão na intenção de conhecer alguém e fazem uso de álcool e outras drogas com o objetivo de “destravar” durante o processo da paquera.

Um outro ponto que gostaria de ressaltar desses encontros é a soma de grupos. Muitas vezes você vai sozinha, ou apenas com uma amiga, mas de repente está em uma mesa com outras pessoas, e depois chegam mais pessoas. E daí podem até ir para outros lugares, se encontrar outras vezes... Esse é um dos pontos que ganham destaque na minha

observação na medida em que é perceptível a produção de encontros a partir justamente de um encontro produzido inicialmente pelo ritmo do forró romântico.

Gostaria de finalizar a descrição de um sábado à noite, destacando essa potência do encontro. Se por uns é julgado e até mesmo estigmatizado, o que pra outros é a prática do lazer, é motivo de curtição e de festa, para tantos é o ponto de socialização. Há uma potência dentro desse gosto, que cria uma identidade social e logo um grupo que se conecta pelo ritmo musical. E que a partir disto produz vínculos e afetações que mobilizam não somente o grupo em si, mas de forma indireta toda a cidade, dotada de um campo social que funciona e se desenvolve concomitantemente e de forma transversal a esses encontros.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Tendo em vista que esta escrita tem a proposta de ser, sobretudo, uma autoetnografia gostaria de agradecer por esse (des)encontro que pude ter com tamanha oportunidade nesse espaço que ocupo como estudante. As inquietações que me acompanham são constantes, inclusive a de me sentir inibida de expressar o meu gosto por forró romântico com as pessoas que aqui também ocupam. Sinto que ousei quase dez anos depois, em escrever sobre algo que eu gosto e que é tão estigmatizado.

Fico feliz também pela ideia de ter voz nesse espaço. Não dei voz para esse grupo, até porque ele já faz uso da sua e de forma muito bem significada na sociedade. Mas eu faço parte dele e, sendo voz, pude trazer um pouco de nossa realidade para o espaço acadêmico com o objetivo não somente de nos apresentar, mas também de enfatizar o nosso papel social enquanto identidade cultural. E claro, de por meio das palavras, promover o encontro entre você leitor(a) com a vivência do forró romântico na cidade de João Pessoa-PB.

Com isso, findo com a proposta de refletirmos sobre o desconhecido. Decerto essa é uma alternativa retórica, já que descrevo sobre algo do meu conhecimento. Mas o meu desejo é que nossos próximos passos, não apenas na etnografia, mas em nosso fazer antropológico a nível mais amplo, acolha identidades sociais plurais e diversas, que produzem e são culturas sincronicamente, através de vínculos e afetações, os quais não fazem parte do nosso meio de forma direta, mas que existem e persistem na sociedade de modo a contribuir para a nossa vivência na cidade.

Referências

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 9º ed. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. Traduzido por Paula Montero. Reproduzido de BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. Goffts de classe et styles de vie. (Excerto do artigo "Anatomie du gofft".) **Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales**, nº 5, out. 1976, p. 18-43.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole urbana. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. EDUSP, São Paulo, 1996

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241